

# Desaprender com Roland Barthes: uma travessia pelos seminários de 1962 a 1977

Carla Cavalcanti e Silva<sup>1</sup>

## Resumo

Resenha de *Apprendre et Désapprendre. Les séminaires de Roland Barthes (1962-1977)*, de Claudia Amigo Pino<sup>2</sup>.

Palavras-chave: Roland Barthes; Seminários; Claudia Amigo Pino.

## Abstract

Review of *Apprendre et Désapprendre. Les séminaires de Roland Barthes (1962-1977)*, by Claudia Amigo Pino.

Keywords: Roland Barthes; Seminars; Claudia Amigo Pino.

Revista de  
Crítica Genética  
ISSN 2596-2477

N. 53 • 2024

Submetido:  
29/10/2024

Aceito:  
13/11/2024

- 
- 1 Docente da área de Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas da Universidade Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Campus de Assis). E-mail: [carla.cavalcanti@unesp.br](mailto:carla.cavalcanti@unesp.br).
  - 2 PINO, C. A. **Apprendre et désapprendre**. Les séminaires de Roland Barthes (1962-1977). Louvain : Éditions Academia, 2022

Como falar de um objeto cuja linguagem escapa ao discurso cotidiano e naturalizante da doxa? Uma primeira medida seria buscar uma linguagem que não pretenda fixá-lo, categorizá-lo e classificá-lo e que possa, a seu modo, produzir, com ele, outros tipos de conhecimento. O ensino da literatura sempre foi uma preocupação de Roland Barthes e o livro de Claudia Amigo Pino nos faz mergulhar em toda a travessia barthesiana percorrida em seus seminários para tratar da literatura sem se colocar como um crítico especialista ou o mestre explicador que irá ensinar seus alunos a como ler um texto literário.

Publicado em francês pela *Éditions Academia*, ligada à universidade de Louvain-la-Neuve, na Bélgica, o livro de Pino parte, primeiramente, de uma demanda da pesquisadora enquanto docente de literatura francesa na Universidade de São Paulo.

Logo de saída, Claudia Pino anuncia que ao longo de sua carreira docente, passou a questionar o ensino de literatura francesa que propunha aos universitários:

*Étant professeure de littérature Française à l'Université de São Paulo, au Brésil, je pensais que mon travail se résumait à lire et analyser quelques auteurs fondamentaux de cette littérature (Balzac, Baudelaire, Proust...), pour inviter ensuite les étudiants à développer leurs propres interprétations. Séance après séance je me demandais quel était le sens de tout cela : à quoi servait cette connaissance sur des auteurs qui ne sont pas lus au lycée au Brésil, ni dans les cours de langue française et, plus important, à quoi servaient ces analyses ? Mes étudiants rétribuaient ma crise avec un manque d'enthousiasme notable.<sup>3</sup>*

Suas inquietações encontram um ponto de identificação com as do próprio Roland Barthes e foi lendo sobre didática e ensino de literatura em alguns textos publicados do crítico, que a autora percebeu um dos grandes incômodos de Barthes, que buscou, durante toda sua carreira, escapar da lei, da fala em sala de aula que tenta cercear um objeto tão subversivo como o texto literário.

*Pour Barthes, la parole est du côté de la loi, non du côté de la subversion. La parole doit être claire, elle doit aller quelque part, le professeur étant une sorte d'agent de police du langage. L'écrivain, en revanche, est un marginal : il se dédouble, invente des personnages, des mots, se contredit, sans nous emmener nulle part. La crise de Barthes était de plus en plus lourde : quel sens donner à un enseignement de l'écriture à partir de la parole, quel sens à enseigner la subversion à partir de la loi ?<sup>4</sup>*

Essa crise de Barthes anunciada em seu texto “*Écrivains, intellectuels, professeurs*” de 1970 nos deixa entrever apenas uma pequena parte de uma questão mais complexa e é justamente essa parcela de complexidade que o livro de Pino nos traz.

Se dedicando ao estudo dos documentos e anotações que Barthes preparou para seus seminários da *École des Hautes Études*, em Paris, no período de 1962–1977, a

---

3 PINO, op. cit., p. 7–8.

4 Ibidem, p. 8.

autora entrega ao leitor uma visão muito mais aprofundada e ampliada da problemática lançada pelo crítico.

O livro de Pino é bastante original, não somente por abarcar um material inédito, desconhecido da imensa maioria do público, inclusive dos próprios barthesianos, mas por seu percurso narrativo. A autora não esconde de seu leitor que parte de sua pesquisa não é somente descrever e analisar seu objeto de estudo, mas construir uma narrativa que possa dar conta das frustrações barthesianas ao longo de sua trajetória didática, bem como de suas novas explorações para contornar os impasses do ensino.

Pino reivindica, portanto, um lado ficcional e ensaístico da crítica literária, que, embora científica, guarda enormes proximidades com o texto literário. Como afirma a autora, “*Donner à voir ces manuscrits ne peut pas se limiter à sa transcription : il faut les montrer dans un récit, où toutes ces subjectivités apparaissent et les illuminent*”<sup>5</sup>.

Trata-se, por isso, de um livro que contempla essas duas vias que costumam marcar os estudos literários e, sobretudo, os estudos em crítica genética: a parte da ciência e a da ficção. Ler documentos, anotações, manuscritos e fichas de cursos é entrar em contato tanto com as origens de um texto, de um pensamento ou de uma crítica, como também com as lacunas inerentes a este tipo de documentação.

O crítico genético que busca a produção de conhecimento recairá, invariavelmente, em uma narrativa hipotética daquilo que está completamente ausente nos documentos. Contudo, esse lado narrativo do texto de Pino se apoia nos textos publicados do crítico e nos relatos, orais ou escritos, dos antigos alunos de Barthes, estratégias que trazem ao seu texto e a sua pesquisa um caráter de ineditismo e de descoberta.

Sob esse aspecto, o livro de Claudia Pino tem “sabor”, e aqui recupero uma das noções barthesianas mais interessantes, o jogo que o crítico estabelece, em sua aula inaugural no *Collège de France*, em 1977, entre as palavras “saber” e “sabor”, ambas originárias de uma mesma etimologia:

*Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: Sapiência: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível*<sup>6</sup>.

O conhecimento e as descobertas que a autora nos traz vêm acompanhados, em diversos momentos, por uma gama de palavras e imagens que evidenciam “o sal

---

5 PINO, op. cit., p. 15.

6 BARTHES, R. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2018, p. 45.

das palavras”, aquele “ingrediente” fundamental, nas palavras de Barthes, que imprimem o gosto do saber, pois que, para Barthes “Na ordem do saber, para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário esse ingrediente, o sal das palavras. É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo”<sup>7</sup>.

Pino alcança esse efeito ao retomar diversas palavras barthesianas que ela encontra em sua obra e, sobretudo, em suas fichas. Léxicos como “magia”, “mágico”, “seminários-circo”, todos utilizados pelo crítico entram, de maneira frequente, no texto de Pino. A autora se aproveita de inúmeras aproximações que Barthes estabelece com a culinária para criar imagens perspicazes para alguns dos subtítulos dos capítulos de seu livro, tais como: “Indigestão”<sup>8</sup>, quando trata da frustração que Barthes ressentia ao não realizar a proposta de mapear os dez anos de semiologia em um seminário e “A última costeleta”<sup>9</sup> para se referir a Benveniste, o último e único semiólogo “devorado no seminário”<sup>10</sup>. O que Pino realiza, portanto, é um desdobramento das várias camadas de linguagem que Barthes mobiliza em seus seminários.

Esta tática tem a ver com o que o próprio Barthes pensava sobre a crítica, pois para ele: “a ‘prova’ crítica, se ela existe, depende de uma aptidão não para *descobrir* a obra interrogada, mas ao contrário para *cobri-la* o mais completamente possível com sua própria linguagem”<sup>11</sup>. Para Barthes, o papel da crítica seria então o de “integrar (no sentido matemático da palavra) a maior quantidade possível de linguagem”<sup>12</sup>, seja ela proustiana, balzaquiana ou flaubertiana.

Claudia Pino parece “cobrir” seu texto com a linguagem barthesiana e um dos pontos mais interessantes de seu livro foi apontar o quanto Barthes busca em seus seminários se aproximar de léxicos culinários, infantis, de máquinas e de doenças, chegando, com isso, às “palavras saborosas” que o crítico tanto admirava na busca literária de Georges Bataille.

Esse recurso que Barthes adota, inspirado na experiência batailleana, demonstra o quanto o crítico desejava trazer para sua atividade crítica e para seu ensino, os discursos acráticos, aqueles que, como ele mesmo mencionou em seu texto “A divisão das linguagens”, são “os discursos fora do poder (ou sem poder, ou ainda sob a luz do não-poder)”<sup>13</sup>.

Em seu livro, Pino vai apresentando todos os projetos de seminários de Barthes e as insistentes explorações que o crítico percorre para “falar” de literatura fora do discurso do poder, das instituições e do jargão crítico. Seu texto percorre as inúmeras tentativas que o crítico lançou aos seus estudantes, para averiguar aquilo que mais lhe interessava: a linguagem.

---

7 BARTHES, op. cit., p. 19–20.

8 PINO, op. cit., p. 141.

9 Ibidem, p. 139.

10 Ibidem.

11 BARTHES, R. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 161.

12 Ibidem, p. 160.

13 Idem, *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 127.

Barthes passa por propostas tais como a sondagem de discursos sobre alimentos, o estudo da novela *Sarrasine*, de Balzac, em unidades mínimas, um curso sobre a retórica e sua contribuição para os estudos literários, um seminário sobre semiologia e literatura, muitos deles frustrantes, seja para os estudantes, seja para o próprio professor. Mas a pesquisa de Pino ilustra, a partir deste percurso, que, apesar dos percalços e impasses vividos por Barthes em seus seminários, alguns deles interrompidos por fatores externos, tais como manifestações, greves e maio de 68, esses anos de docência trouxeram grandes avanços para seu pensamento crítico, culminando nos seminários mais conhecidos do público e dos especialistas, tais como “O discurso amoroso”, que seria publicado como *Fragmentos de um discurso amoroso*, ou “O léxico do autor”, publicado sob o nome de *Roland Barthes por Roland Barthes*.

São nesses seminários que Barthes encontra uma espécie de elemento “mágico” que ele já havia vislumbrado nos seminários anteriores sobre Benveniste, cujo discurso opera uma divisão do sujeito, do homem propriamente dito e do “eu” da enunciação.

Claudia Pino traz esse momento de vislumbre barthesiano de maneira singular, como se naquela ocasião, o crítico tivesse entrevisto uma possibilidade rica de tratar do texto literário, sendo, ele mesmo, um sujeito dividido. Segundo Pino:

*Cette division du discours produit une situation inouïe dans l'enseignement ; Barthes doit parler de lui-même ; il devient le sujet et l'objet de ses séminaires. Voici comment on s'approche de l'exposé polyphonique, mais aussi de l'écriture littéraire dans la pratique de l'enseignement<sup>14</sup>*

Barthes começa então a se colocar como um personagem, tal qual a divisão que encontra entre Proust e seu narrador e, então, a desejar entrar nesse discurso subversivo, plural e multiforme que é o discurso literário, o que irá culminar em seu projeto de romance *Vita Nuova*. A partir deste ponto, Barthes passa a se identificar fortemente com os escritores e Proust será um dos seus grandes modelos de identificação.

Com o livro de Pino, percebemos, no entanto, que há muitos outros autores e discursos que levaram Barthes a ensejar a trilha da literatura, tais como Benveniste, Nietzsche, Deleuze e a própria psicanálise. Em todos eles, Barthes encontrou seja o discurso dividido, o discurso polifônico, o desejo, elementos que atravessam o texto literário, seja do lado do escritor, seja o do narrador.

A autora percebe, na leitura dos manuscritos do curso “O discurso amoroso”, como Barthes muda de tema de um ano para o outro, passando da leitura sobre o *Werther*, para uma leitura em torno de si mesmo. É nessa palinódia de Barthes, nessa mudança de opinião e de caminho no meio do seminário que demonstra, a todos os alunos, aquilo que Barthes chamou de desaprender, termo que ele recupera em sua *Aula* inaugural: “Vem talvez agora a idade de uma outra experiência,

---

14 PINO, op. cit., p. 146.

a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes”<sup>15</sup>.

Nada mais certo para escapar da doxa e dos discursos de poder do que o processo de desaprender, de não tomar o saber e o conhecimento como estáveis, finitos. Afinal, não é isso o que faz a literatura?

E em uma das passagens mais belas do livro, Pino conclui, a partir da palinódia barthesiana, que *“L’étudiant peut ainsi observer comment son professeur change d’idée, comment il désapprend ce qu’il avait appris avant. Ainsi, tous désapprennent. La didactique barthésienne arrive à son apogée quand elle se défait”*<sup>16</sup>.

Seguindo a fórmula de Meschonnic do “pensar contra”, Barthes ensina não a literatura enquanto objeto ou o ensino de literatura, mas a própria literatura, aquilo de que ela é feita e, para se distanciar dos discursos institucionais, Barthes não pode mais enxergar o texto literário como um objeto a ser analisado e interpretado, pois que essa metodologia repetiria o erro dos cientistas e dos linguistas que, segundo Barthes, colocam-se apartados de seu objeto de estudo.

Ora, a literatura ou para retomar um termo caro a Barthes, que não carrega o peso institucional, a escritura, é feita de linguagem, ela a forja, subverte-a, o que evidencia o quanto o escritor pensa sobre o próprio discurso literário quando escreve.

O crítico, cujo papel está em deslindar essa linguagem, só poderia falar de dentro dela, nunca de fora, pois somos todos seres de linguagem e, portanto, não podemos observá-la como se não fizéssemos parte dela, pois “infelizmente, a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado”<sup>17</sup>.

Ao final da leitura do livro de Claudia Pino, não nos cabe inquerir qual seria o melhor modelo para ensinar literatura, pois, apropriando-me do léxico culinário barthesiano, o ensino de literatura não é e não pode ser uma receita de bolo, ter uma única metodologia ou um modelo a ser seguido.

Depois de percorrermos toda travessia de Barthes e a da própria autora, o que se pode refletir sobre tudo isso não é como ensinar literatura, mas como olhar, de forma aguçada para ela, para a sua linguagem e, além disso, como pensar nossa atividade crítica e nossa prática docente.

Em suma, o livro de Claudia Pino é rico, instigante, traz materiais inéditos e merece, portanto, uma publicação em nosso país.

---

15 BARTHES, 2018, p. 44.

16 PINO, op. cit., p. 167.

17 BARTHES, 2018, p. 14.

## Referências

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2018.

PINO, Cláudia Amigo. **Apprendre et désapprendre**. Les séminaires de Roland Barthes (1962-1977). Louvain : Éditions Academia, 2022.